



SIMÕES DE ASSIS



SIMÕES DE ASSIS

Ione Saldanha & Etel Adnan

curadoria curator
Luiz Camillo Osorio

30.05 - 22.07.2023

atendimento com agendamento prévio
attendance by prior appointment

Casa Gerassi
rua dr. carlos norberto de souza aranha, 409
alto de pinheiros sp brasil
+55 11 3062-8980

Ione Saldanha e Etel Adnan: Duas Coloristas

Ione Saldanha (1919-2001) e Etel Adnan (1925-2021) jamais se conheceram pessoalmente. Tampouco viram a obra uma da outra. Ione era brasileira e viveu quase a vida toda no Rio de Janeiro; Etel era libanesa e viveu entre Paris e São Francisco. Em 2012, a Documenta de Kassel dedicou uma sala à pintura de Adnan. Àquela altura eu preparava uma retrospectiva de Saldanha para o MAM-Rio, Fundação Iberê Camargo e MON. Surpreendeu-me imediatamente as afinidades entre as duas: a vibração da cor, a sensibilidade lírica, o contato poético com a natureza. Ambas fizeram da pintura um exercício de maravilhamento pautado nas composições cromáticas. Construção e natureza se reúnem e se potencializam nas suas poéticas.

Ambas trabalharam à margem dos movimentos de vanguarda, sem deixarem jamais de experimentar com as linguagens visuais. No caso de Adnan, o trabalho com a poesia e com a escrita caminhou paralelamente à produção pictórica. Seus Leporellos desdobram e integram escrita e pintura, concebendo em páginas sanfonadas, articuladas no espaço, uma caligrafia cromática singular. Saldanha foi densificando a matéria cromática sobre a tela até saltar para o espaço nas ripas, bobinas e bambus. Ambas viveram até o limite em uma zona de transição entre uma sensibilidade moderna que fazia da pintura um exercício de depuração da forma visual e uma urgência contemporânea que afirmava o trânsito entre linguagens, suportes e materialidades poéticas.

Nesta exposição, que ensaia um primeiro diálogo entre estas duas artistas, temos ainda a articulação de suas obras com a arquitetura brutalista e oxigenada de Paulo Mendes da Rocha. Volumes abertos integram a forma construída com o entorno natural, diálogo este muito caro a estas duas artistas que cresceram e viveram perto do mar, das montanhas e da luz natural. Quiçá seja a procura pelas variadas formas de deixar a luz penetrar no espaço, seja pictórico, seja arquitetônico, o que reúne esta casa e estas obras.

Por fim, a certeza de que a trajetória de Ione Saldanha merece ser cada vez mais vista, estudada e conhecida. Há nela essa capacidade única de juntar a experimentação com a linguagem pictórica e a desaceleração da percepção. Este diálogo franco com a pintura mais tardia de Etel Adnan, por mais pontual que seja, revela um lugar singular de ambas na história da arte da segunda metade do século XX.

Luiz Camillo Osorio



Ione Saldanha and Etel Adnan: Two Colorists

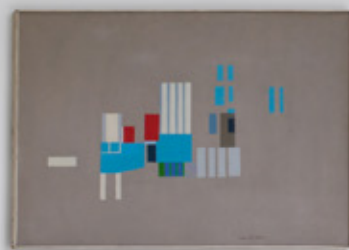
Ione Saldanha (1919-2001) and Etel Adnan (1925-2021) never met, nor did they see each other's works. Ione was Brazilian, lived most of her life in Rio de Janeiro; Etel was Lebanese, and lived between San Francisco and Paris. In 2012, the Kassel Documenta dedicated an entire room to Adnan's paintings. At that point in time, I was working on a retrospective of Saldanha's works for the MAM-Rio, Fundação Iberê Camargo and MON. I was immediately surprised by the affinity between both artists: the vibration of color, their lyrical sensitivity, the poetic contact with nature. They both made of painting an exercise of amazement ruled by chromatic compositions. Construction and nature come together and become strengthened in their poetic creations.

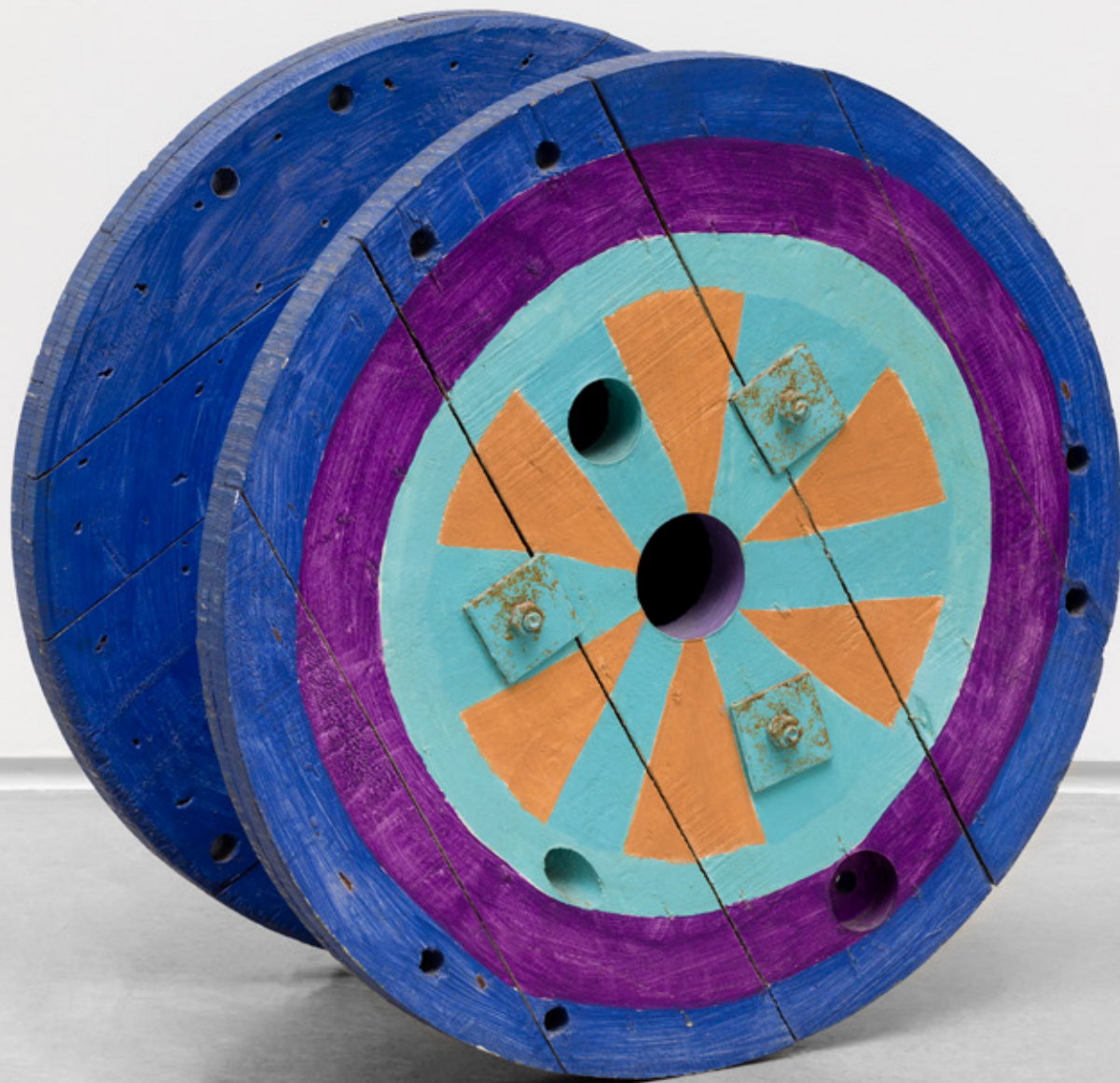
The two also worked on the fringes of avant-garde movements, without ever giving up on experimenting with visual languages. In Adnan's case, her work as a poet and writer was developed in parallel to her pictorial production. Her *Leporellos* unravel and integrate writing and painting, conceiving on spatially articulated paper books which unfold in an accordion-like manner, a singular chromatic calligraphy. Saldanha increased the density of chromatic matter on the canvas until it spilled into space in her *ripas* (slats), *bobinas* (coils) and *bambus* (bamboos). They both lived to the limit in a transition zone between modern sensitivities which turned painting into an exercise of refining visual forms and a contemporary urgency that asserted the transit amid languages, mediums and poetic materialities.

In this exhibition, which assays a first approximation between these two names, we also have the connection between their works and the brutalist oxygenated architecture of Paulo Mendes da Rocha. Open volumes integrate the construction with its natural environment, in a dialogue that is dear to these artists who grew up and lived by the sea and the mountains, surrounded by natural light. Perhaps, what brings this house and these works together is the search for the various ways of letting light penetrate space, be it pictorial or architectural.

Finally, we have the conviction that Ione Saldanha's trajectory deserves to be increasingly seen, studied and acknowledged. She had the unique ability to combine experimentation with pictorial language and the deceleration of perception. This candid dialogue with Etel Adnan's later paintings, as specific as it might be, reveals the singular place both occupy in the second half of 20th century art history.

Luiz Camillo Osorio





Ione Saldanha
Sem Título (Bobina)
tinta acrílica sobre madeira
acrylic on canvas
38 x 65 cm
14 ⁶¹/₆₄ x 25 ¹⁹/₃₂ in



Ione Saldanha
Sem Título, 1963
óleo sobre tela
oil on canvas
50 x 81 cm
19 ¹¹/₁₆ x 31 ⁵⁷/₆₄ in



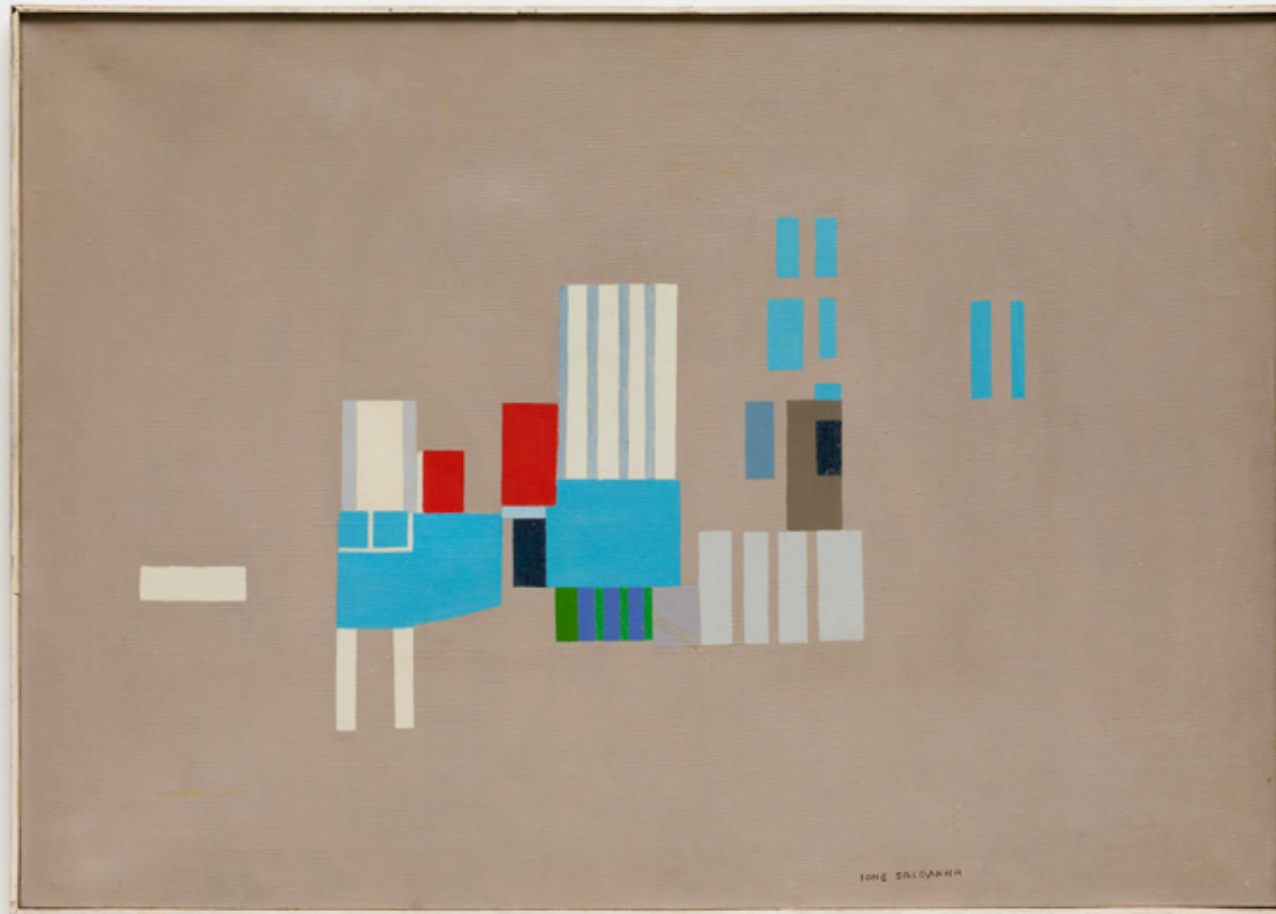
Ione Saldanha
Sem Título, 1967
óleo sobre cartão
oil on cardboard
15,2 x 18,5 cm
5 ⁶³/₆₄ x 7 ⁹/₃₂ in





Etel Adnan
Sem Título, 2017
óleo sobre tela
oil on canvas
33 x 41 cm
13 x 16 1/2 in





Ione Saldanha

Sem Título, déc 1950

óleo sobre tela

oil on canvas

60,5 x 85,2 cm | 61,8 x 86,5 x 3 cm (com moldura)

23 ¹³/₁₆ x 33 ³⁵/₆₄ in | 24 ²¹/₆₄ x 34 ¹/₁₆ x 1 ³/₁₆ (with frame)



Ione Saldanha
Bambu, déc 1980
pintura sobre bambu
painting on bamboo
207 x Ø 13 cm
81 1/2 x Ø 5 1/8 in



Ione Saldanha
Sem Título (Bambu), déc 1960
tinta acrílica sobre bambu
acrylic paint on bamboo
215 x 6,5 cm
84 ⁴¹/₆₄ x 2 ⁹/₁₆ in



Ione Saldanha
Sem Título (Bambu), déc 1960
tinta acrílica sobre bambu
acrylic paint on bamboo
273 x 8,5 cm
107 ³¹/₆₄ x 3 ¹¹/₃₂ in



Ione Saldanha
Sem Título (Bambu), déc 1960
tinta acrílica sobre bambu
acrylic paint on bamboo
233 x 14 cm
91 ⁴⁷/₆₄ x 5 ³³/₆₄ in



“ Sou apaixonada pelas cores. Eu vibro quando vejo cores. A cor, para mim, tem uma vibração muito mais forte que o som, muito mais forte que as palavras. A cor, para mim, é uma força absoluta ”

“ I am passionate about color. I vibrate when I see color. Color, for me, has a much stronger vibration than sound, much stronger than words. Color, for me, is an absolute force. ”

- Ione Saldanha





Etel Adnan
Grenades, 2020
óleo sobre tela
oil on canvas
33 x 24 cm
13 x 9 ½ in







Ione Saldanha

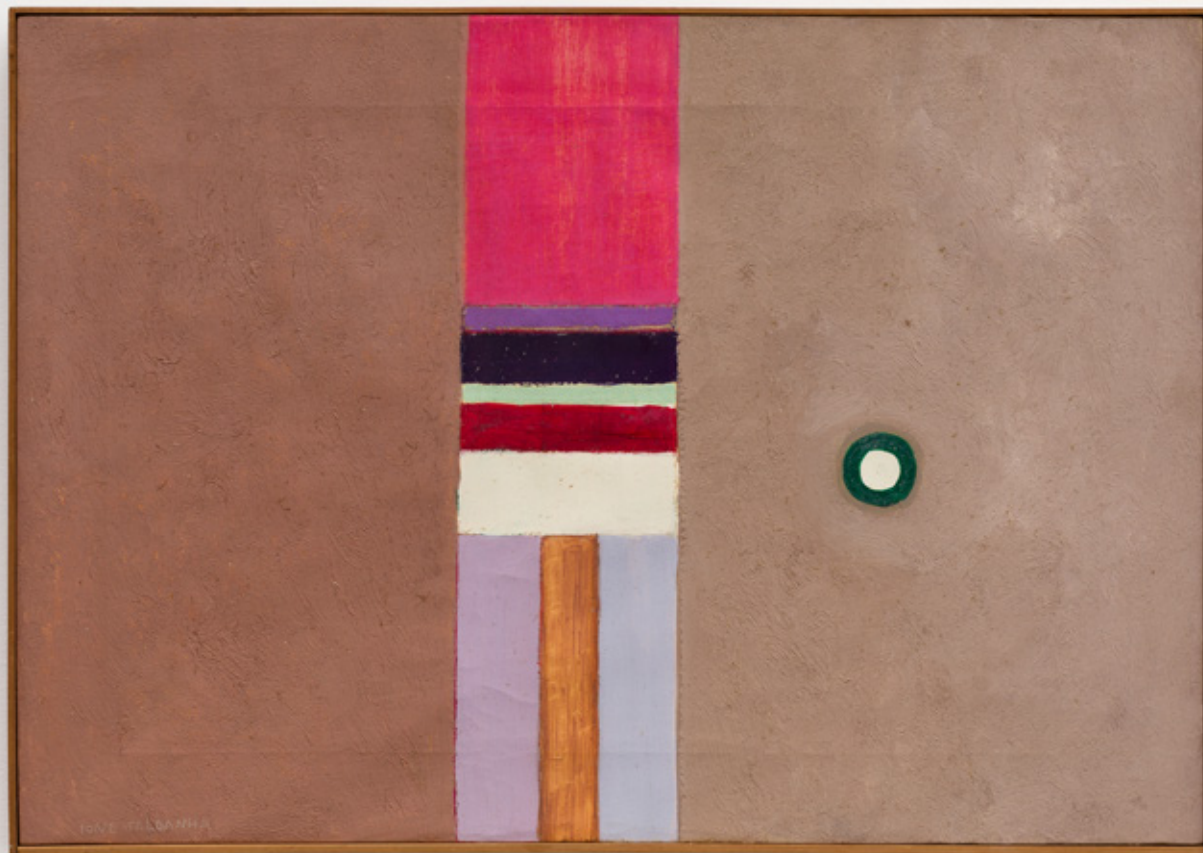
Série Corpo da cor, 1966

óleo sobre tela

oil on canvas

30 x 37,1 x 3,3 cm

11 ¹³/₁₆ x 14 ³⁹/₆₄ x 1 ¹⁹/₆₄ in



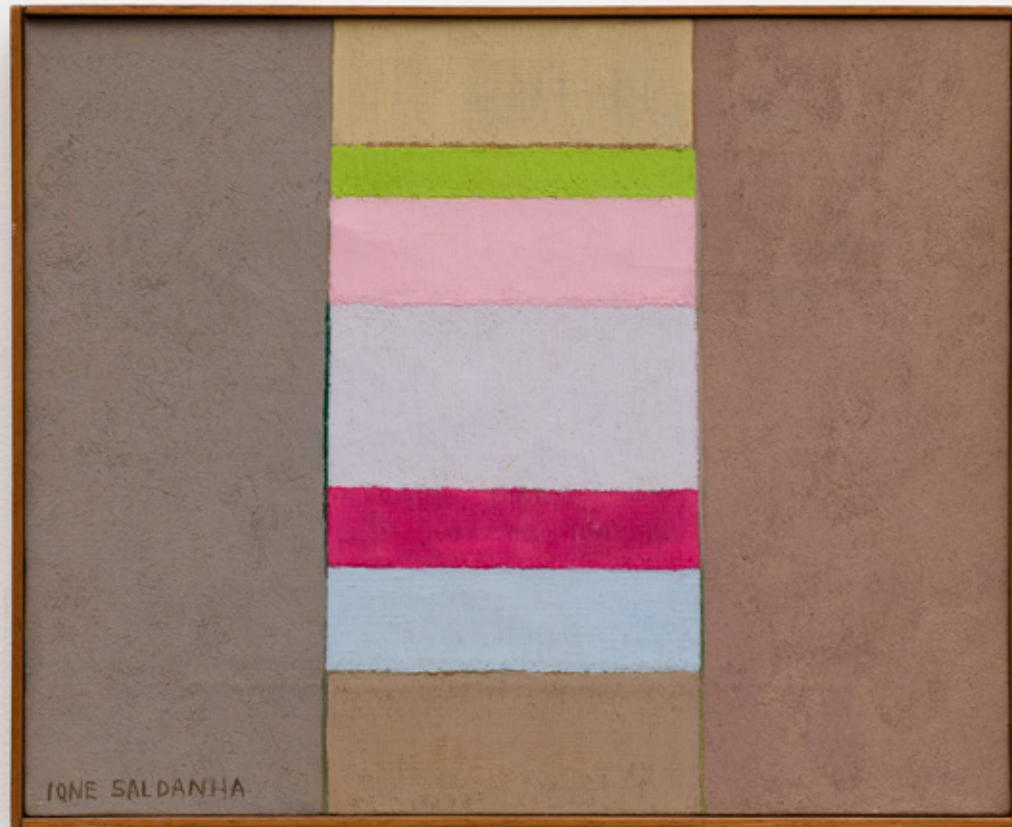
Ione Saldanha
Sem Título, 1965
óleo sobre tela
oil on canvas
36 x 51 cm
14 ¹¹/₆₄ x 20 ⁵/₆₄ in



Etel Adnan
Sem Título 2015
óleo sobre tela
oil on canvas
35 x 27 cm
13 ¾ x 10 ⅝ in







Ione Saldanha
Série Corpo da Cor, 1966
óleo sobre tela
oil on canvas
29 x 36 cm
11 ²⁷/₆₄ x 14 ¹¹/₆₄ in





Ione Saldanha
Sem Título, 1965
guache sobre papel
gouache on paper
13,5 x 18,7 cm
5 ⁵/₁₆ x 7 ²³/₆₄ in

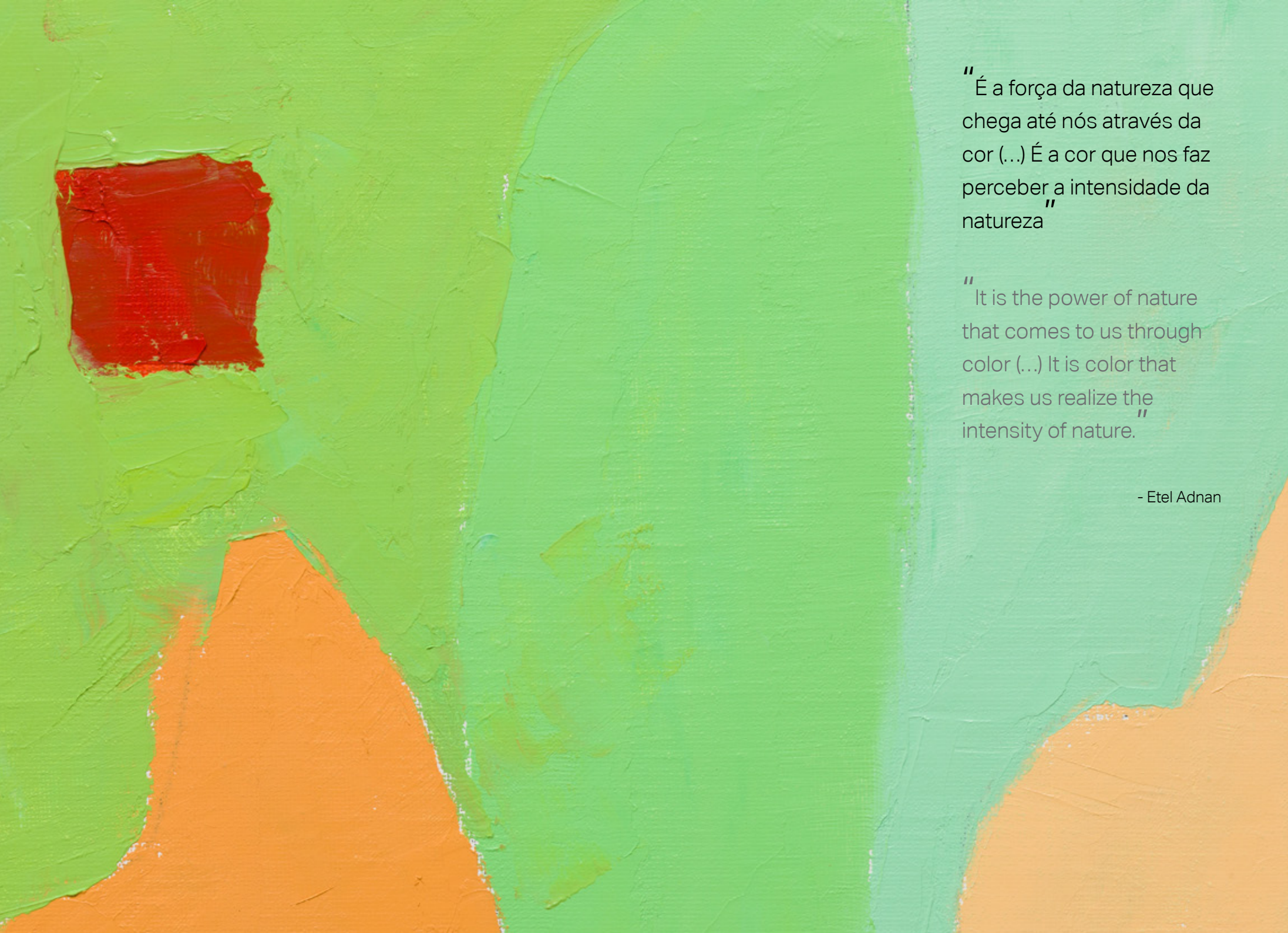


Ione Saldanha
Sem Título, dec. 1960
guache sobre papel
gouache on paper
14,5 x 20,5 cm
5 ⁴⁵/₆₄ x 8 ⁵/₆₄ in



Etel Adnan
Sem Título, 2020
óleo sobre tela
oil on canvas
41 x 33 cm
16 1/2 x 13 in



An abstract painting featuring thick, textured brushstrokes. The composition is dominated by various shades of green, ranging from a vibrant lime green to a muted sage green. A prominent, bright red square is located in the upper left quadrant. At the bottom, there are large, irregular shapes in a warm orange or terracotta hue. The overall effect is one of dynamic energy and color contrast.

“ É a força da natureza que chega até nós através da cor (...) É a cor que nos faz perceber a intensidade da natureza ”

“ It is the power of nature that comes to us through color (...) It is color that makes us realize the intensity of nature. ”

- Etel Adnan

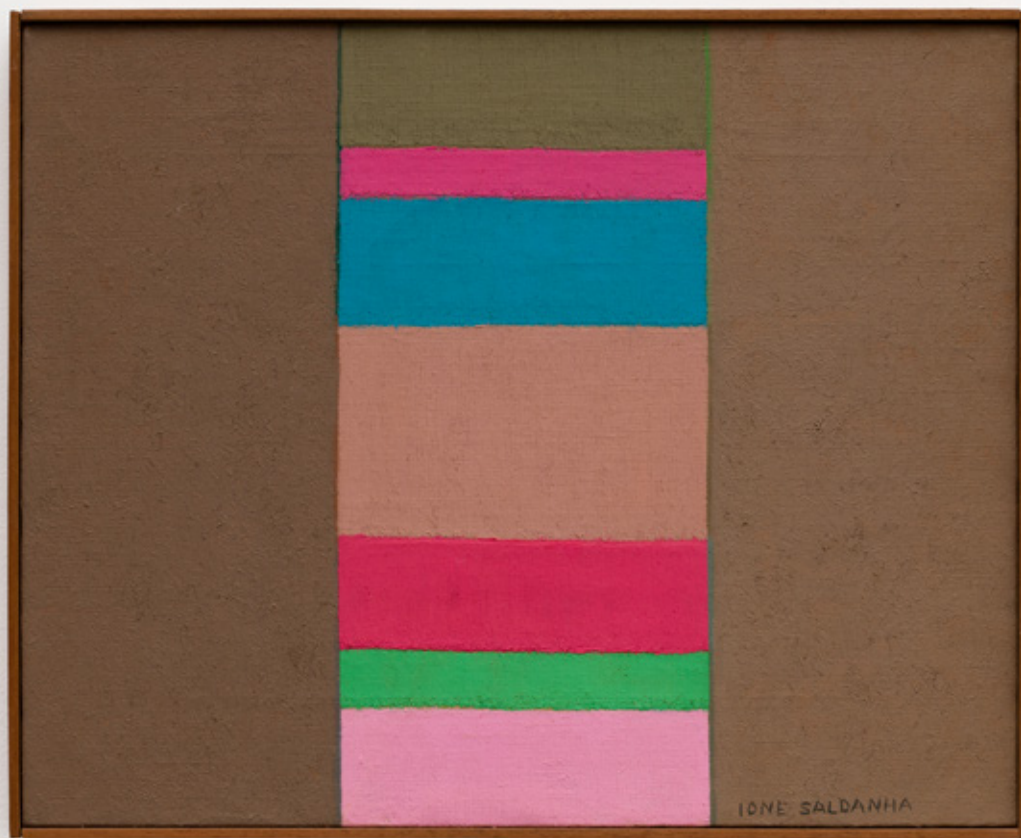


Etel Adnan
Sem Título, 2012
óleo sobre tela
oil on canvas
22 x 27 cm
8 2/3 x 10 5/8 in

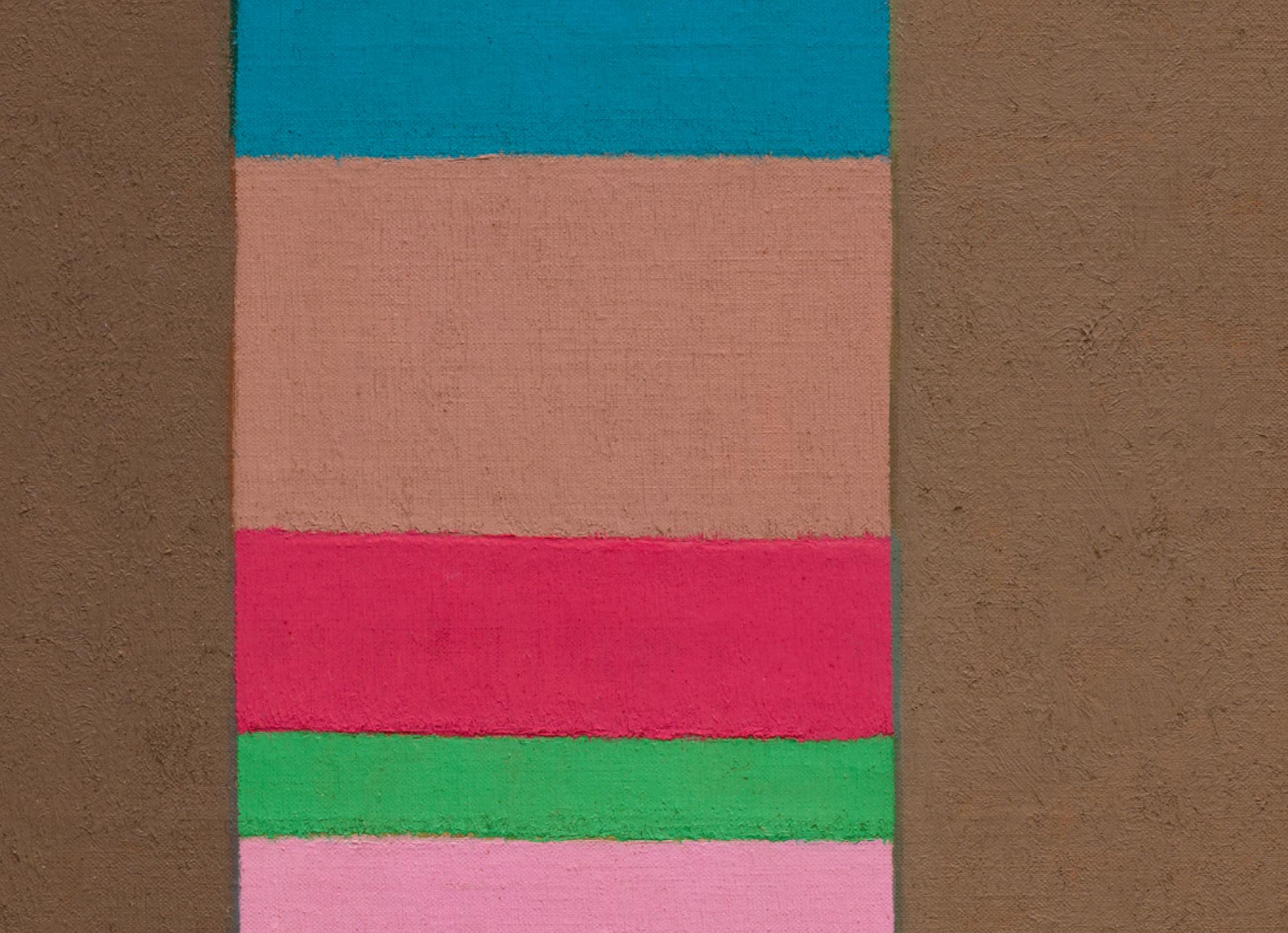


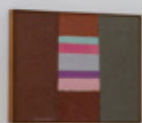


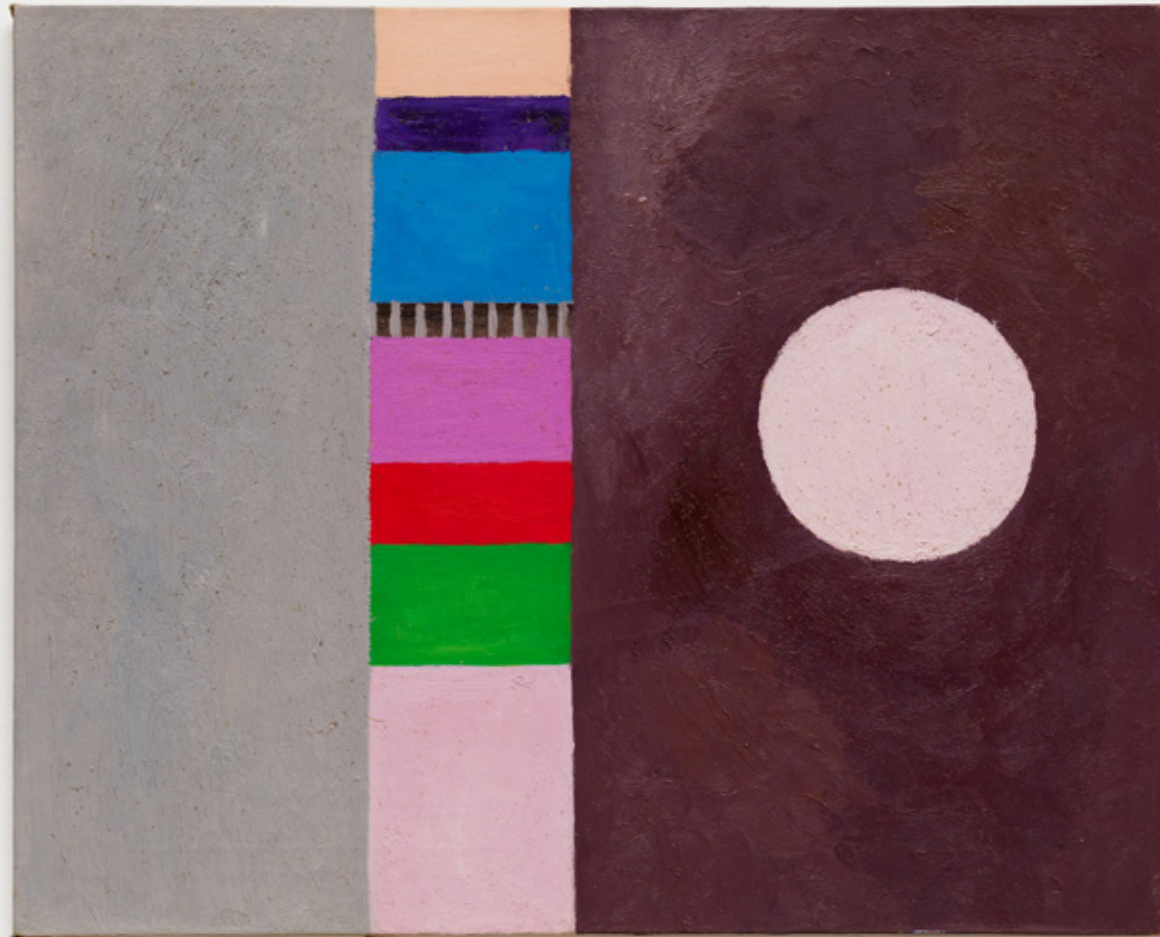
Ione Saldanha
Série Corpo da Cor, 1967
óleo sobre tela
oil on canvas
29 x 36 cm
11 ²⁷/₆₄ x 14 ¹¹/₆₄ in



Ione Saldanha
Série Corpo da Cor, 1966
óleo sobre tela
oil on canvas
29 x 36 cm
11 ²⁷/₆₄ x 14 ¹¹/₆₄ in







Ione Saldanha
Sem Título, 1966
óleo sobre tela
oil on canvas
48,7 x 60,2 cm
19 ¹¹/₆₄ x 23 ⁴⁵/₆₄ in



Ione Saldanha
Série Corpo da Cor, 1966
óleo sobre tela
oil on canvas
29 x 36 cm
11 ²⁷/₆₄ x 14 ¹¹/₆₄ in



Etel Adnan
Sem Título, 2013
óleo sobre tela
oil on canvas
24 x 30 cm
9 ²⁹/₆₄ x 11 ¹³/₁₆ in





Etel Adnan
Sem Título, 2018
óleo sobre tela
oil on canvas
41,2 x 32 x 2 cm
16 $\frac{7}{32}$ x 12 $\frac{19}{32}$ x $\frac{7}{9}$ in

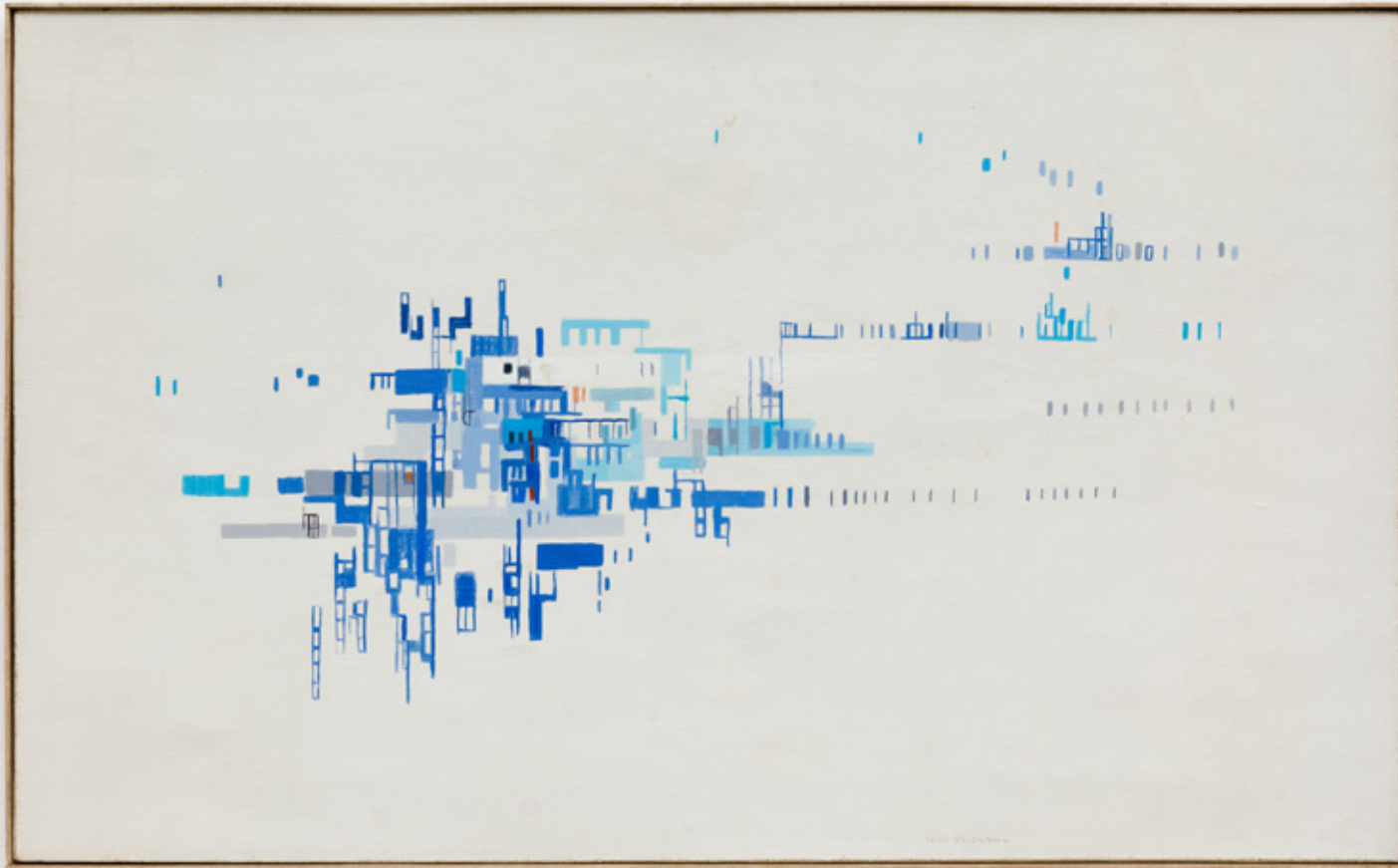




Ione Saldanha
Sem Título, 1963
óleo sobre tela
oil on canvas
56,5 x 70 cm
22 1/4 x 27 9/16 in



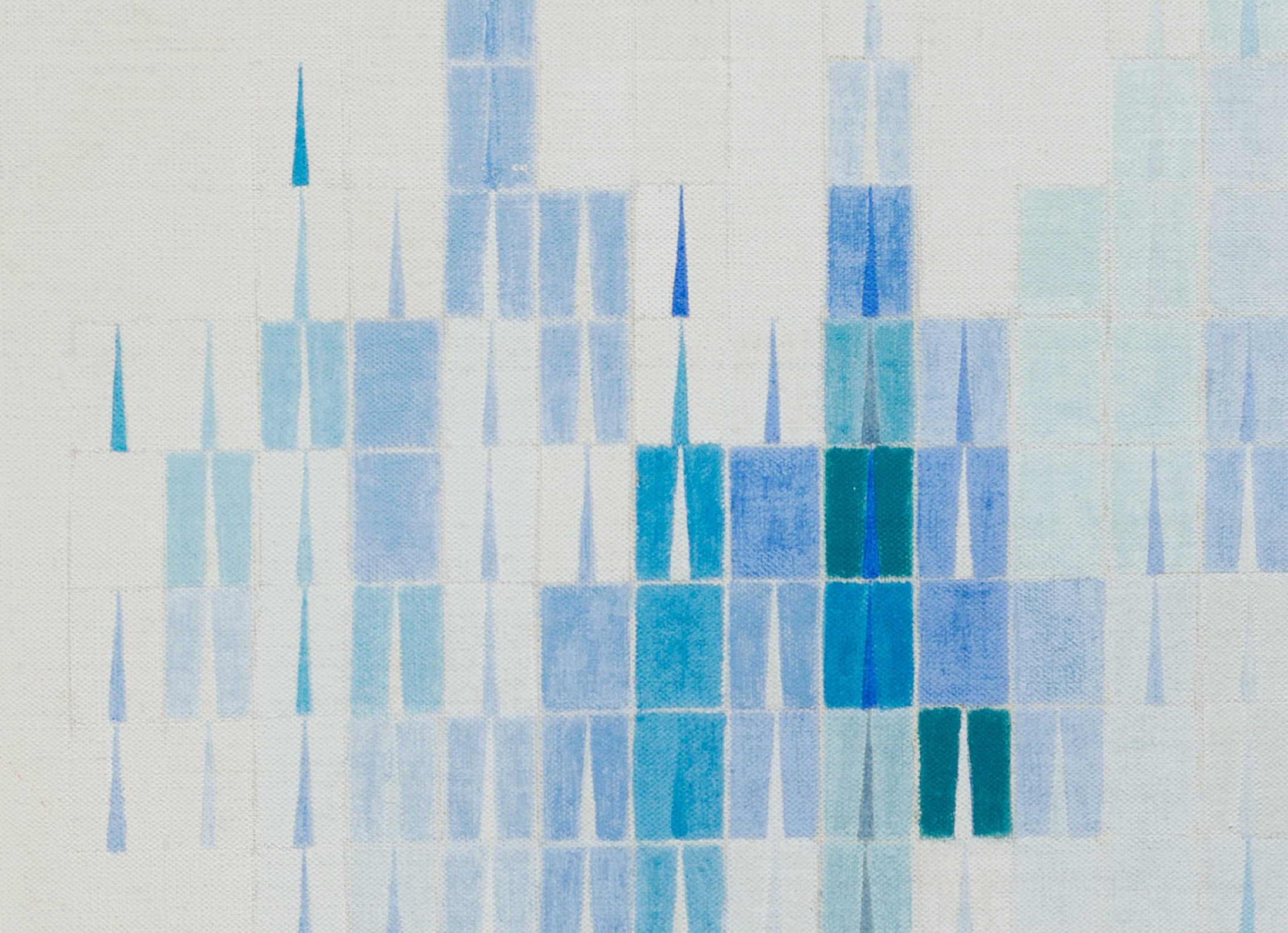




Ione Saldanha
Sem Título, 1960-1961
óleo sobre tela
oil on canvas
54 x 88 cm
21 ¹⁷/₆₄ x 34 ⁴¹/₆₄ in

Ione Saldanha
Pintura 5, 1959
óleo sobre tela
oil on canvas
80 x 65 cm
31 1/2 x 25 19/32 in





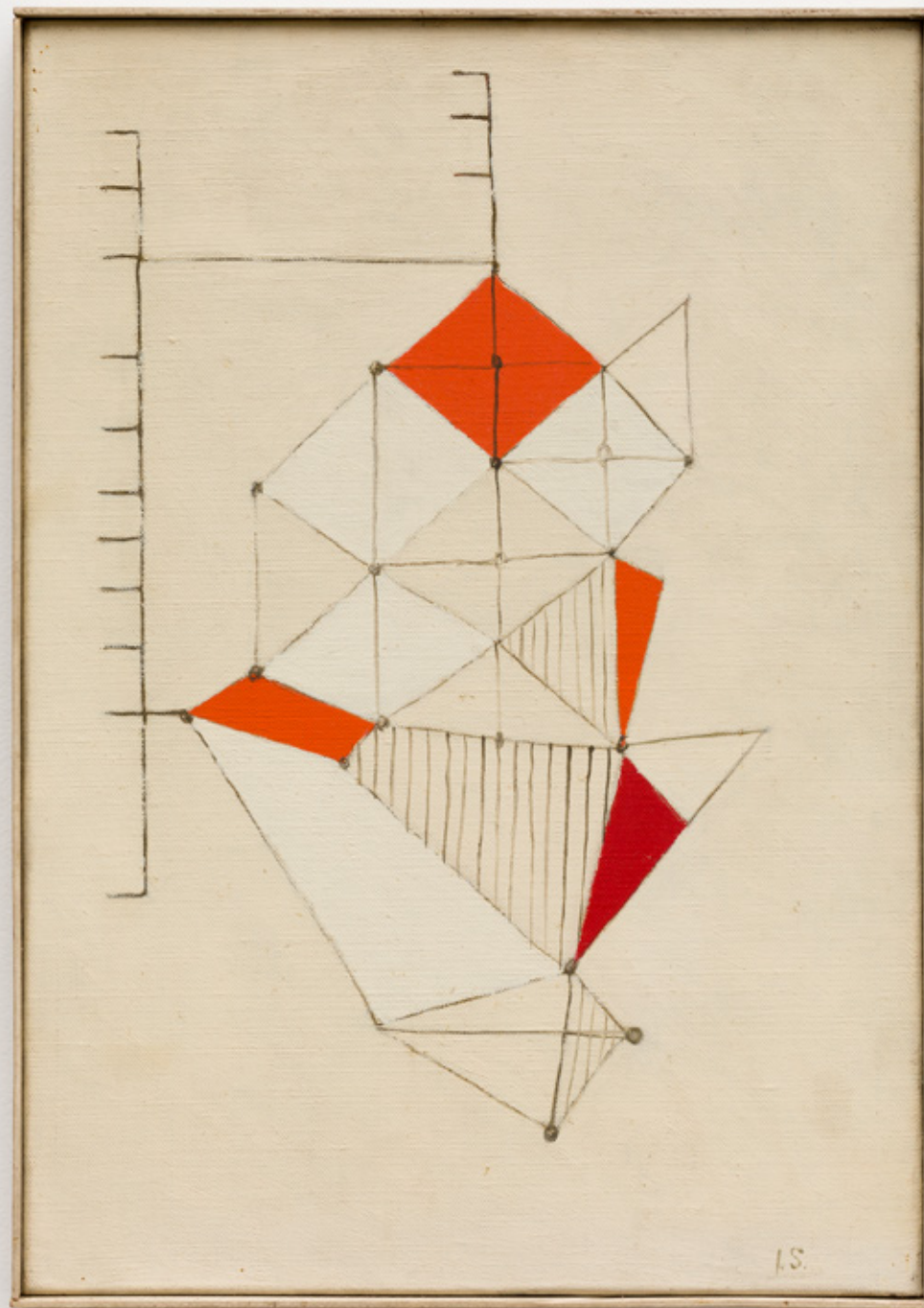




Ione Saldanha
Sem Título, déc. 1950
óleo sobre tela
oil on canvas
73 x 100,2 cm
28 ⁴⁷/₆₄ x 39 ²⁹/₆₄ in



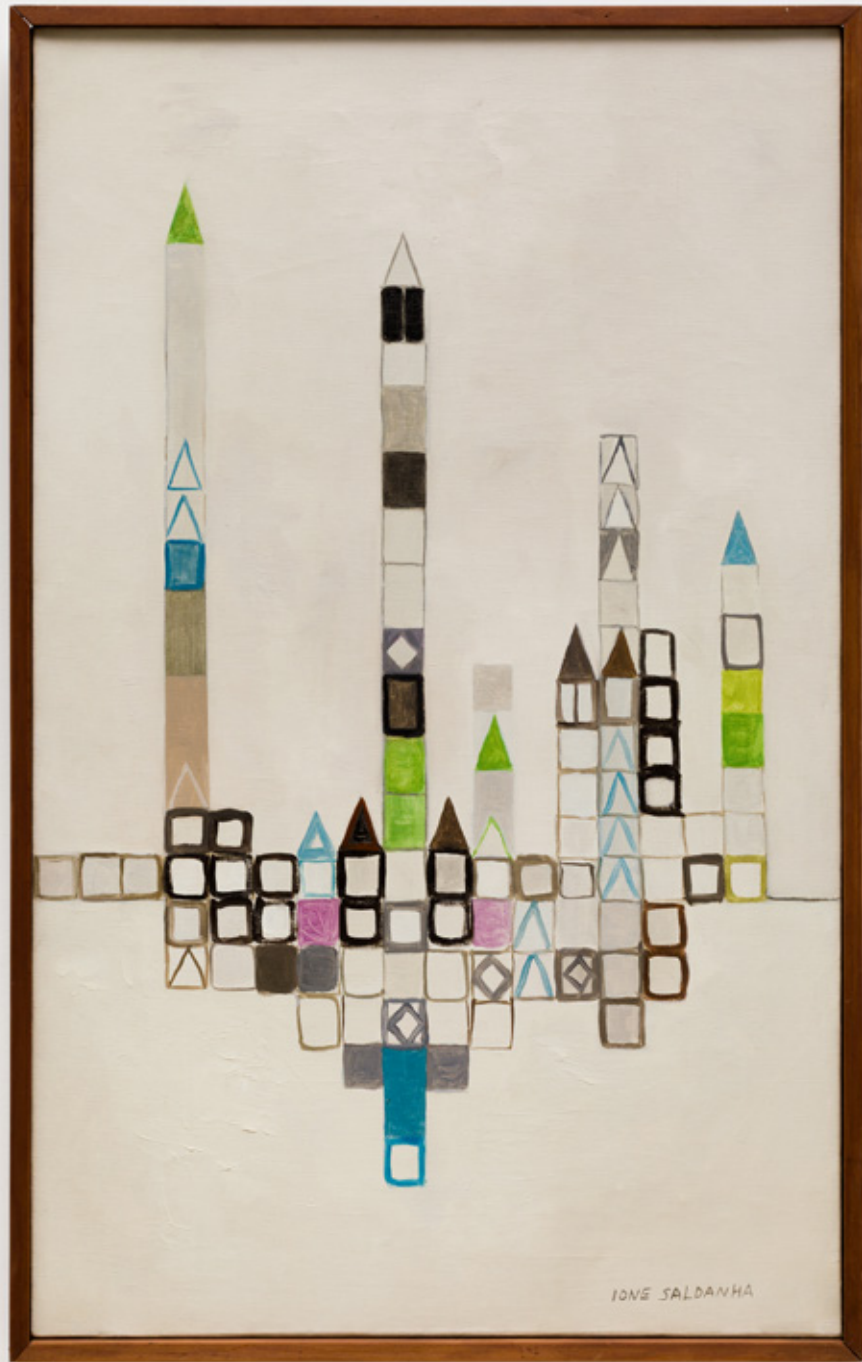
Ione Saldanha
Sem Título, 1958
óleo sobre tela
oil on canvas
42 x 30 cm
16 ¹⁷/₃₂ x 11 ¹³/₁₆ in



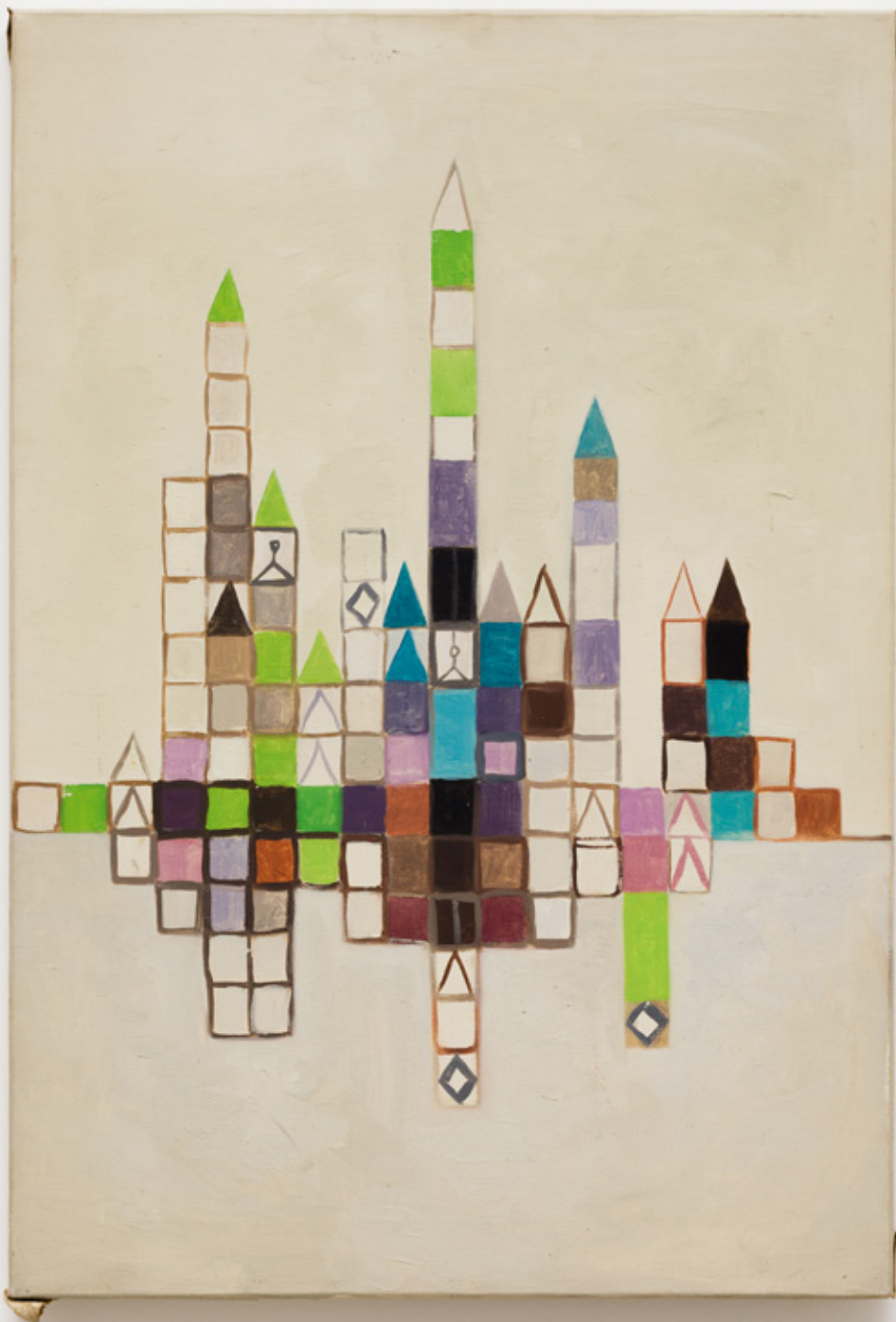


Ione Saldanha
Sem Título, 1956
óleo sobre tela
oil on canvas
50 x 80,8 cm
19 ¹¹/₁₆ x 31 ¹³/₁₆ in





Ione Saldanha
Sem Título, 1956-1957
óleo sobre tela
oil on canvas
81 x 50 cm
31 ⁵⁷/₆₄ x 19 ¹¹/₁₆ in



Ione Saldanha
Sem Título, 1960
óleo sobre tela
oil on canvas
73,5 x 50 cm
28 ¹⁵/₁₆ x 19 ¹¹/₁₆

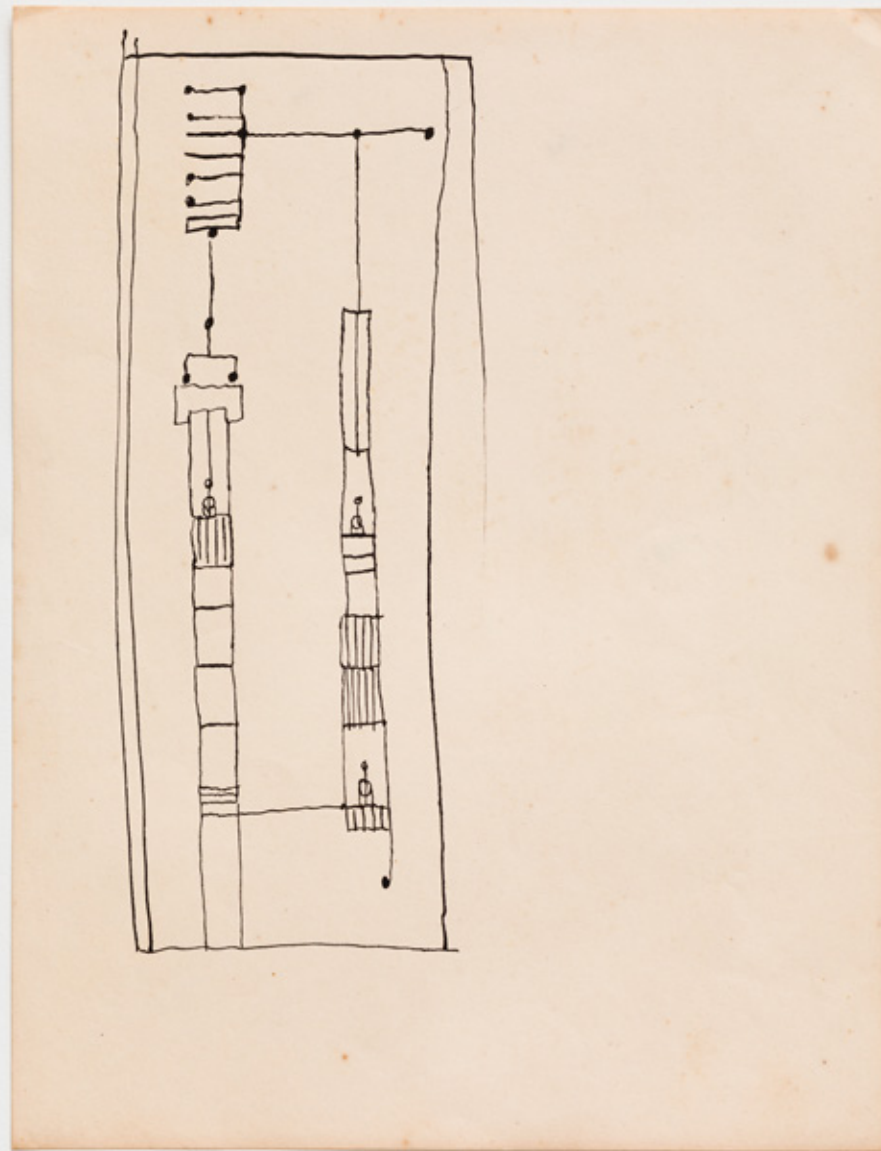




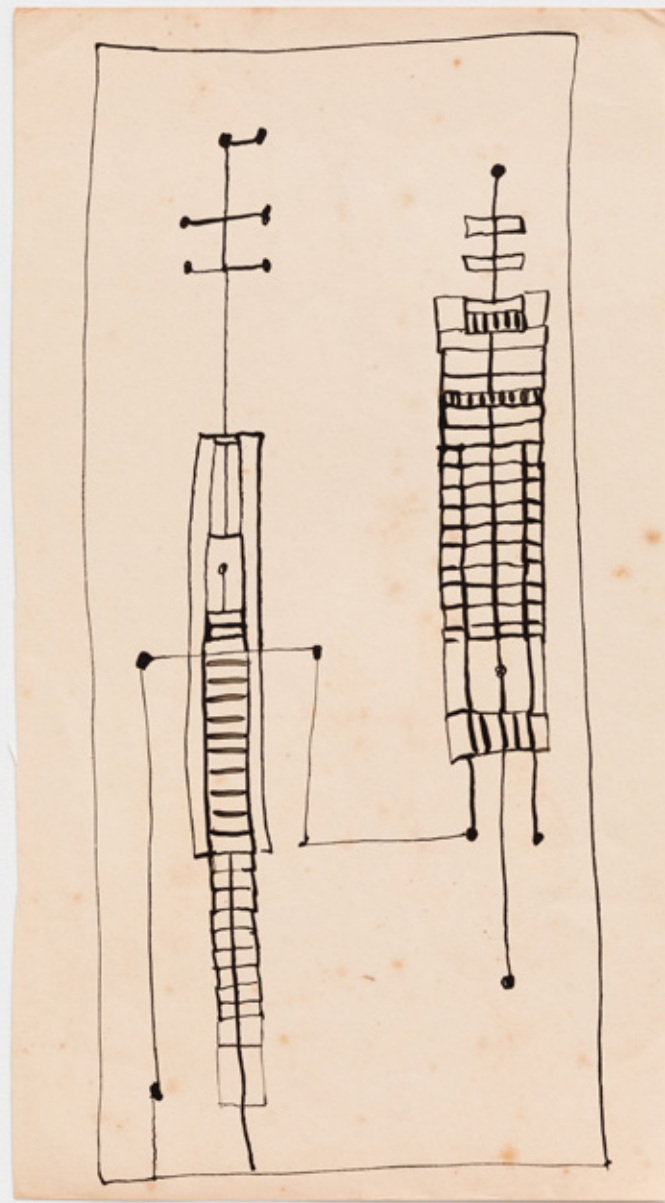
Ione Saldanha
Sem Título (Paisagem), 1954
óleo sobre tela
oil on canvas
105 x 40 cm
41 ¹¹/₃₂ x 15 ³/₄ in



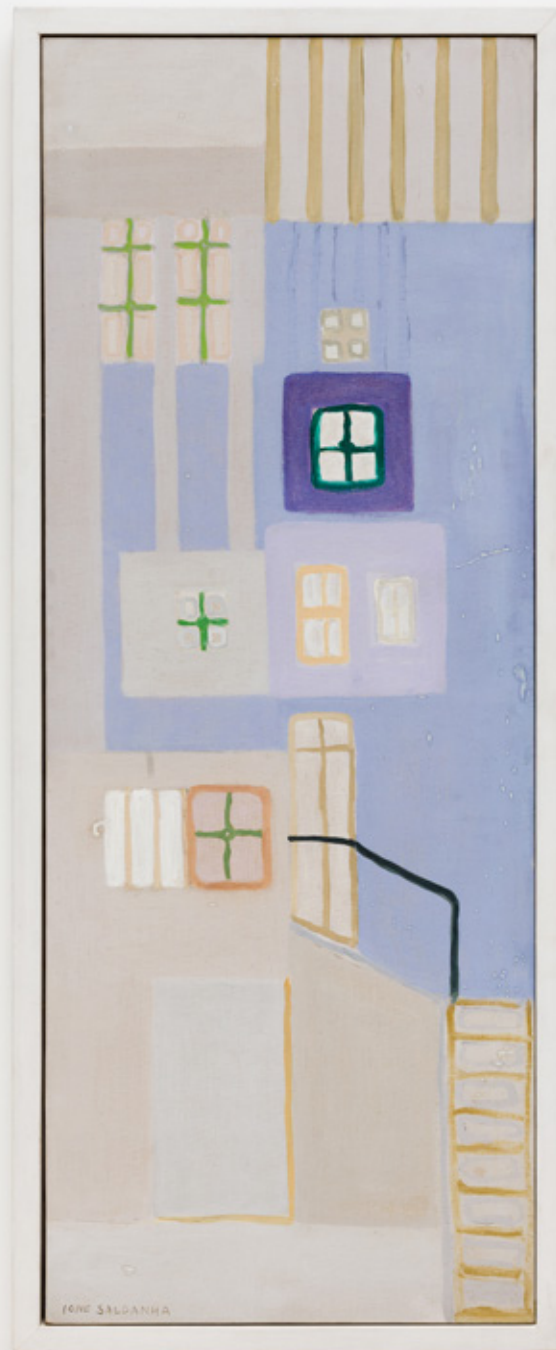
Ione Saldanha
Sem Título, sem data
nanquim sobre papel
ink on paper
28 x 21,5 cm
11 ¹/₃₂ x 8 ¹⁵/₃₂ in



Ione Saldanha
Sem Título, sem data
nanquim sobre papel
ink on paper
28 x 15,4 cm
11 1/32 x 6 1/16 in



Ione Saldanha
Sem Título (Fachadas), 1954
óleo sobre tela
oil on canvas
105 x 40 cm
41 11/32 x 15 3/4 in







Ione Saldanha
Sem Título (Casario), 1950
óleo sobre tela
oil on canvas
64 x 77 cm
25 ¹³/₆₄ x 25 ¹³/₆₄ in



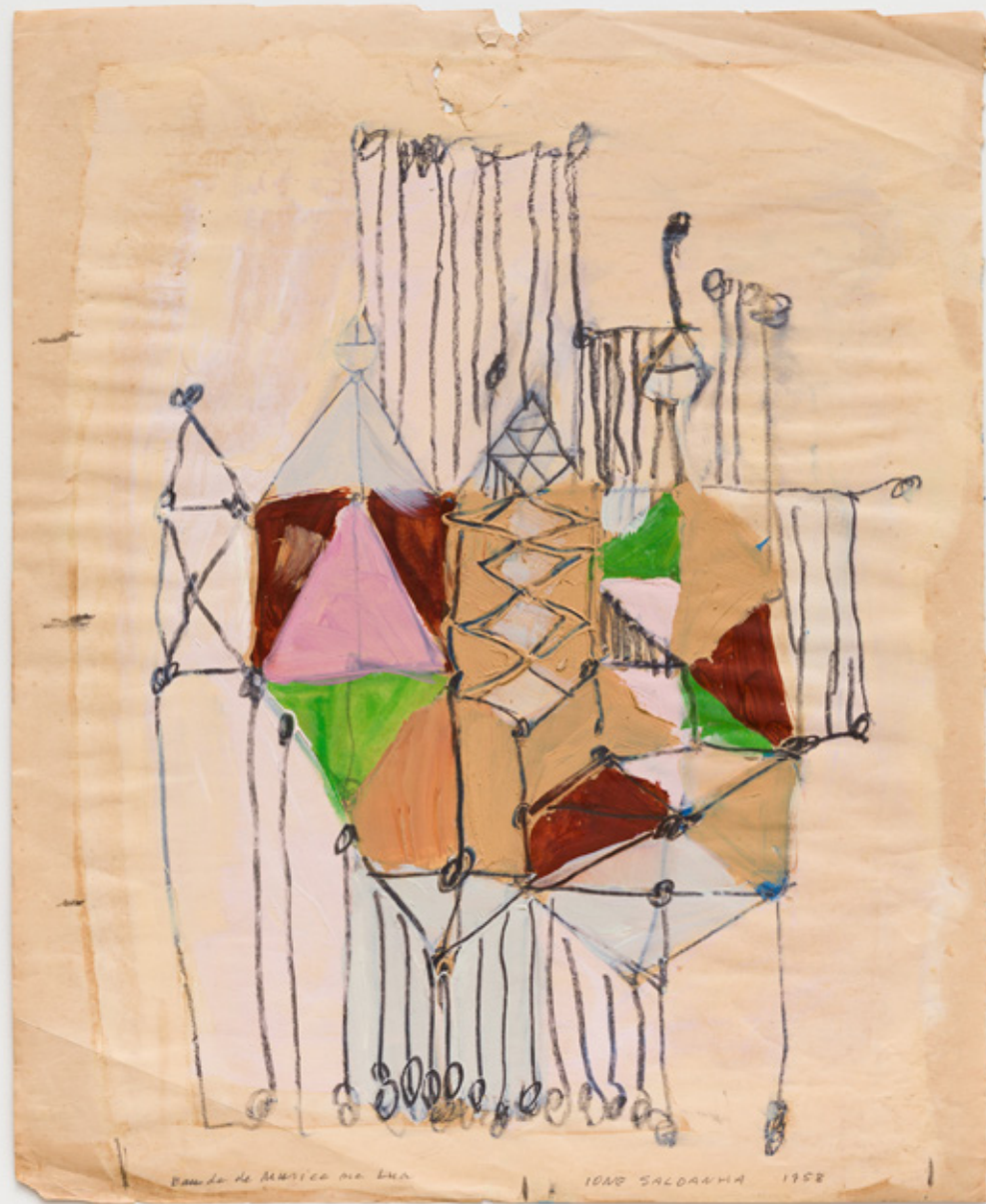
Ione Saldanha
Sem Título, 1952
óleo sobre tela
oil on canvas
63,5 x 60,5 cm
25 x 23 ¹³/₁₆ in







Ione Saldanha
Banda de música na lua, 1958
óleo sobre papel
oil on paper
40,8 x 33 cm
16 1/16 x 12 63/64 in





Ione Saldanha
Sem Título, 1952
óleo sobre tela
oil on canvas
71,5 x 50 cm
28 ⁵/₃₂ x 19 ¹¹/₁₆ in







Ione Saldanha (Alegrete, 1919 – Rio de Janeiro, 2001), pintora e escultora nascida no Rio Grande do Sul, iniciou seus estudos no ateliê de Pedro Araújo, no Rio de Janeiro, em 1948. Viajou para a Europa em 1951, estudando a técnica de afresco em Paris (na Academie Julian) e em Florença. A artista desenvolveu um trabalho intuitivo, explorando diversos suportes como tela, papel, ripas de madeira, bambus, bobinas e, por fim, tocos de madeira empilhados.

Com quase seis décadas de produção, sua obra foi marcada por rigor e coerência, com cada série de trabalho desdobrando-se rumo à próxima – partindo das pinturas figurativas iniciais dos anos 1940 aos trabalhos abstratos dos anos 1950, chegando às pinturas em suportes tridimensionais a partir do final dos anos 1960. A verticalidade foi constante em sua produção, como notaram diversos críticos. Saldanha promoveu uma síntese abstrata de elementos arquitetônicos e urbanísticos populares. Na década de 1950, pintou principalmente paisagens urbanas, mas no lugar da temporalidade veloz e do constante ruído das grandes cidades modernas, a artista optou por retratar as fachadas silenciosas das históricas Ouro Preto e Salvador, criando a imagem de um passado pré-moderno. Na década de 1960, em uma ousadia experimental, a artista deu um salto rumo à abstração. A paisagem urbana foi sendo desconstruída, antes do “derretimento” das cidades na tela, em um movimento de dissipação dos elementos geométricos sobre a superfície planar.

As obras de Saldanha nos permitem traçar um outro percurso para a história da abstração brasileira, que não se origina na Bienal construtiva de 1951, mas na observação da natureza e das culturas tradicionais. Há, portanto, um deslocamento do sentido hegemônico em que a geometria assume seu sentido mais puro, uma medida da terra – logo, uma medida da vida. Por fim, sua obra estendeu-se para o espaço. Saldanha instaurou uma pintura em campo ampliado que, ao saltar para fora da tela, ganhou espaço real e autonomia. Nas palavras da artista, “eu quis sair da parede, do limite da parede. E quis sair fora, quase que como uma espécie de liberdade maior”. Na série “Bambus”, produziu esculturas antropomórficas que evocam a cultura brasileira popular e aprofundam sua pesquisa cromática. Em outra série importante, “Ripas”, a artista desenvolveu um laboratório fragmentado e colorido em que tiras de madeira com tamanhos variados ficavam encostadas na parede, em relação que jogava com a arquitetura do espaço.

Ione Saldanha teve sua carreira amplamente reconhecida, recebendo em 1969 o prêmio de viagem ao exterior no 7º Resumo de Arte do Jornal do Brasil. Participou de mais de dez edições da Bienal Internacional de São Paulo, além de outras exposições coletivas como o “Panorama de Arte Atual Brasileira” no MAM-SP (1969, 1970 e 1975); “10ª Quadriennale di Roma” (1977); “2ª Bienal de Arte Coltejer”, Medellín (1970); “8º Salão Nacional de Artes Plásticas”, MAM Rio (1985); “Brasil/60 anos de arte moderna”, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa (1982); “Forma/Suporte”, MAC Niterói (2003) e “Genealogias do contemporâneo”, MAM Rio (2010). Entre exposições individuais destacam-se “Bobinas”, MAM Rio (1971); “Ione Saldanha”, Instituto de Arquitetos do Brasil, Rio de Janeiro (1981); “Ione Saldanha”, Paço Imperial, Rio de Janeiro (1996); “Ione Saldanha: o tempo e a cor”, MAM Rio/MON/Fundação Iberê Camargo (2012) e “Ione Saldanha: a cidade inventada”, MASP (2021). Possui trabalhos em coleções importantes como MASP, MAC-USP e MAM-SP.

Ione Saldanha (Alegrete, 1919 – Rio de Janeiro, 2001) was a painter and sculptor born in Rio Grande do Sul, Brazil, who began her studies at Pedro Araújo's studio in Rio de Janeiro, in 1948. She traveled to Europe in 1951, studying the fresco technique in Paris (at the Academie Julian) and in Florence. The artist developed an intuitive work, exploring various mediums such as canvas, paper, wooden slats, bamboos, coils and, finally, stacked wooden laths.

With almost six decades of production, her work was marked by rigor and coherence, with each series unfolding towards the next - from the initial figurative paintings of the 1940s to the abstract works of the 1950s, reaching the paintings on three-dimensional mediums from the late 1960s onwards. Verticality was a constant in her production, as several critics have noted. Saldanha promoted an abstract synthesis of popular architectural and urbanistic elements. In the 1950s, she painted mainly urban landscapes, but instead of the rapid temporality and constant noise of large modern cities, the artist chose to portray the silent façades of historic Ouro Preto and Salvador houses, creating the image of a pre-modern past. In the 1960s, in an audacious experiment, the artist took a leap towards abstraction. The urban landscape was being deconstructed, before the “melting” of the cities on the canvas, in a movement of dissipation of the geometric elements on the planar surface.

Saldanha's works allow us to trace another path for the history of Brazilian abstraction, which does not originate in the constructive São Paulo Biennial of 1951, but in the observation of nature and traditional cultures. There is, therefore, a displacement of the hegemonic sense in which geometry takes on its purest meaning, a measure of the earth - therefore, a measure of life. Finally, her work extended into space. Saldanha established painting in an expanded field, which jumped out of the canvas and gained real space and autonomy. In the artist's words, “I wanted to leave the wall, the limit of the wall. And I wanted to go outside, almost as a kind of greater freedom”. In the series of “Bambus” (Bamboos), she produced anthropomorphic sculptures that evoke popular Brazilian culture and deepen her chromatic research. In another important series, “Ripas” (slats), the artist developed a fragmented and colorful laboratory in which strips of wood of various sizes leaned against the wall, in a relationship that played with the architecture of the space.

Ione Saldanha had her career widely recognized, receiving in 1969 the award for international travel at the 7º Resumo de Arte do Jornal do Brasil. She participated in more than ten editions of the São Paulo Biennial, in addition to other group exhibitions such as the “Panorama de Arte Atual Brasileira” at MAM-SP (1969, 1970 e 1975); “10ª Quadriennale di Roma” (1977); “2ª Bienal de Arte Coltejer”, Medellín (1970); “8º Salão Nacional de Artes Plásticas”, MAM Rio (1985); “Brasil/60 anos de arte moderna”, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisbon (1982); “Forma/Suporte”, MAC Niterói (2003) and “Genealogias do contemporâneo”, MAM Rio (2010). Among her numerous solo shows, the following stand out: “Bobinas”, MAM Rio (1971); “Ione Saldanha”, Instituto de Arquitetos do Brasil, Rio de Janeiro (1981); “Ione Saldanha”, Paço Imperial, Rio de Janeiro (1996); “Ione Saldanha: o tempo e a cor”, MAM Rio/MON/Fundação Iberê Camargo (2012) and “Ione Saldanha: a cidade inventada”, MASP (2021). Her works are part of important collections such as MASP, MAC-USP e MAM-SP.



VENEZI

Paris

Etel Adnan (Beirute, 1925 – Paris, 2021) foi uma poeta, ensaísta, e pintora nascida no Líbano. A sua mãe era grega e seu pai, um oficial otomano de alta patente nascido em Damasco. Foi educada em escolas francesas no Líbano, mas falava tanto grego como árabe com seus pais. Adnan estudou filosofia na Sorbonne, na Universidade da Califórnia em Berkeley, e na Universidade de Harvard. De 1958 a 1972, ensinou filosofia no Colégio Dominicano de San Rafael, na Califórnia.

Adnan foi profundamente influenciada por Rimbaud, sua poesia incorporou imagens surrealistas e metáforas com experimentação formal baseadas na linguagem. Foi autora de diversos livros, tais como *Shifting the Silence* (2020); *Time* (2019), *Seasons* (2008); *There: In the Light and the Darkness of the Self and the Other* (1997); *The Indian Never Had a Horse* (1985); e *Moonshots* (1966). Devido aos seus sentimentos em relação à guerra de independência argelina, Adnan começou a resistir às implicações políticas da escrita em francês e mudou o foco da sua expressão criativa para as artes visuais, especificamente para a pintura. Em 1972, voltou para Beirute e trabalhou como editora cultural para jornais, permanecendo no Líbano até 1976. Adnan restabeleceu-se na Califórnia, tendo também estadias frequentes em Paris.

As suas pinturas eram compostas blocos de cor em tinta a óleo. Durante a sua estadia na Califórnia, Adnan começou a concentrar-se na paisagem à sua volta, em particular no Monte Tamalpais que era visível das janelas da sua residência. Em consonância, a relação de Cézanne com o Monte Sainte-Victorie, a montanha tornou-se uma referência imutável que ela pintou incessantemente, tentando capturar os seus estados de espírito e dinâmica em diferentes momentos do dia, sob diferentes estações do ano. O céu e o horizonte são representados como massas quadradas ou triangulares, formas piramidais em cores espessas e não diluídas. Formas circulares flutuantes feitas em amarelo, laranja ou verde e faixas de cor pura sugerem sol, mar ou areia, e recordam as sombras e a luz da sua infância em Beirute ou as paisagens da Califórnia.

Adnan realizou exposições individuais em instituições ao redor do mundo, incluindo o Museu Solomon R. Guggenheim, Nova Iorque (2022); o Pera Art Museum, Istambul (2021); Aspen Art Museum, Colorado (2020); MUDAM, Luxemburgo (2019); San Francisco Museum of Modern Art (2018); Zentrum Paul Klee, Berna (2018); e Institut du Monde Arabe, Paris (2016). Seu trabalho foi apresentado em numerosas exposições internacionais coletivas, como a Bienal Sharjah, EAU (2015); Bienal Whitney, Nova Iorque (2014); e Documenta 13, Kassel (2013).

Etel Adnan (Beirut, 1925 – Paris, 2021) was a poet, essayist, and painter born in Lebanon. Her mother was Greek, her father, a high-ranking Ottoman officer born in Damascus. She was educated in French schools in Lebanon, but spoke both Greek and Arabic with her parents. Adnan studied philosophy at the Sorbonne, the University of California at Berkeley, and Harvard University. From 1958 to 1972, she taught philosophy at the Dominican College of San Rafael, in California.

Adnan was deeply influenced by Rimbaud, and her poetry incorporated surrealist imagery and metaphorical leaps with formal and language-based experimentation. She authored numerous books, such as *Shifting the Silence* (2020); *Time* (2019), *Seasons* (2008); *There: In the Light and the Darkness of the Self and the Other* (1997); *The Indian Never Had a Horse* (1985); and *Moonshots* (1966). Due to her feelings toward the Algerian war of independence, Adnan began to resist the political implications of writing in French and changed the focus of her creative expression to visual arts, specifically towards painting. In 1972, she moved back to Beirut and worked as cultural editor for newspapers, staying in Lebanon until 1976. Adnan re-established herself in California, having also frequent stays in Paris.

Her paintings were composed of block-like slabs of color in oil paint. During her time in California, Adnan began to focus on the surrounding landscape, in particular the Mount Tamalpais which was visible from the windows of her residence. Relating to Cézanne's relationship with Mont Sainte-Victorie, the mountain became an immutable reference which she painted incessantly, trying to capture its ever-changing moods and dynamics at different times of day, under different seasons. The sky and horizon are represented as square masses or triangular, pyramidal shapes in thick, undiluted colors. Floating circular shapes rendered in yellow, orange or green and bands of pure color suggest sun, sea or sand, and recall the shadows and light of her childhood in Beirut or the landscapes of California.

Adnan has held solo exhibitions in institutions around the world, including the Solomon R. Guggenheim Museum, New York (2022); Pera Art Museum, Istanbul (2021); Aspen Art Museum, Colorado (2020); MUDAM, Luxembourg (2019); San Francisco Museum of Modern Art (2018); Zentrum Paul Klee, Bern (2018); and Institut du Monde Arabe, Paris (2016). Her work has been featured in numerous international group shows such as the Sharjah Biennial, UAE (2015); Whitney Biennial, New York (2014); and Documenta 13, Kassel (2013).

SIMÕES DE ASSIS

São Paulo | Casa Gerassi

rua dr. carlos norberto de souza aranha, 409
05450-011 sp brasil
+55 11 3062-8980

Curitiba

al. carlos de carvalho 2173a
80730-200 pr brasil
+55 41 3232-2315

Balneário Camboriú

3ª avenida, esquina c/ 3.150, sala 04
88330-260 sc brasil
+55 47 3224-4676